

PATRICK MODIANO

PARA QUE  
NÃO TE PERCAS  
NO BAIRRO

Tradução de Manuela Torres

Não posso fornecer a realidade dos factos,  
posso apenas apresentar a sua *sombra*.

Stendhal

Quase nada. Como que uma picada de inseto, que a princípio parece muito leve. Pelo menos é o que dizemos a nós próprios em voz baixa, para nos tranquilizarmos. O telefone tocara por volta das quatro da tarde em casa de Jean Daragane, no quarto a que ele chamava o «escritório». Deixara-se amodorrar no sofá do fundo, abrigado do sol. E aqueles toques de telefone, que há muito não estava habituado a ouvir, não paravam. Porquê aquela insistência? Do outro lado da linha deviam ter-se esquecido de desligar. Por fim levantou-se e dirigiu-se à parte do quarto junto das janelas, onde o sol batia em cheio.

– Gostaria de falar com o senhor Jean Daragane.

Uma voz indolente e ameaçadora. Foi a sua primeira impressão.

– Senhor Daragane? Está?

Daragane quis desligar. Mas para quê? As campainhadelas recomçariam, interminavelmente. E, a menos que desligasse definitivamente o fio do telefone...

– É o próprio.

– É por causa da sua agenda telefónica, senhor Daragane.

Tinha-a perdido no mês anterior, num comboio para a Côte d'Azur. Sim, só podia ter sido nesse comboio. A agenda devia ter caído do bolso do casaco no momento em que tirava o bilhete para o mostrar ao revisor.

– Encontrei uma agenda com o seu nome.

Na capa cinzenta estava escrito: EM CASO DE EXTRAVIO ENTREGAR A. E um dia, maquinaalmente, Daragane escrevera aí o seu nome e o seu número de telefone.

– Vou entregar-lha a casa. No dia e hora que desejar.

Sim, decididamente, uma voz indolente e ameaçadora. E até, pensou Daragane, com um certo tom de chantagem.

– Preferia que nos encontrássemos fora.

Fizera um esforço para ultrapassar o seu desagrado. Mas a sua voz, que teria querido tornar indiferente, pareceu-lhe bruscamente uma voz estrangulada.

– Como queira.

Houve um silêncio.

– É pena. Estou muito perto de sua casa. Gostaria de lha entregar pessoalmente.

Daragane interrogou-se se o homem não estaria diante de casa e se não ficaria ali espetado, à espera que ele saísse. Convinha desembaraçar-se dele o mais depressa possível.

– Podemos encontrar-nos amanhã à tarde – acabou por dizer.

– Como queira. Mas então, perto do meu local de trabalho. Para os lados da Gare Saint-Lazare.

Estava com ganas de desligar, mas conteve-se.

– Conhece a Rua de l'Arcade? – perguntou o outro. – Podíamos encontrar-nos num café. Na Rua de l'Arcade, n.º 42.

Daragane apontou a morada. Retomou o fôlego e disse:

– Muito bem. Na Rua de l'Arcade, n.º 42, amanhã, às cinco da tarde.

Em seguida desligou, sem esperar pela resposta do interlocutor. Lamentou de imediato ter-se comportado de forma tão brusca, mas atribuiu isso ao calor que há uns dias se fazia sentir em Paris, um calor invulgar no mês de setembro. E que reforçava a sua solidão. Obrigava-o a ficar fechado naquele quarto até ao pôr do sol. Além disso, o telefone deixara de tocar há meses. E o telemóvel, pousado na secretária, já não se lembrava quando o usara pela última vez. Mal sabia servir-se dele e enganava-se muitas vezes quando carregava nas teclas.

Se o desconhecido não tivesse telefonado, esqueceria para sempre a perda dessa agenda. Tentava lembrar-se dos nomes que lá estavam. Na semana anterior chegara a querer reconstituí-la, e começara a fazer uma lista numa folha em branco. Passado um instante, rasgara a folha. Nenhum dos nomes pertencia a pessoas que tivessem contado

na sua vida e cujas moradas e números de telefone precisassem de ser apontados. Sabia-os de cor. Naquela agenda, só conhecimentos ditos «de ordem profissional», algumas moradas pretensamente úteis, não mais do que uns trinta nomes. E, entre eles, vários que deveriam ter sido eliminados, por estarem desatualizados. A única coisa que o preocupara após a perda da agenda era o ter lá escrito o seu próprio nome e morada. É claro que podia não dar seguimento e deixar aquele indivíduo esperar em vão na Rua de l'Arcade, n.º 42. Mas assim ficaria sempre qualquer coisa em suspenso, uma ameaça. Sonhara muitas vezes, em certas tardes de solidão, que o telefone tocava e que uma voz doce lhe marcava um encontro. Recordava-se do título de um romance que lera: *Le temps des rencontres*. Talvez esse tempo não tivesse já acabado para ele. Mas a voz de há pouco não lhe inspirava confiança. Simultaneamente indolente e ameaçadora, essa voz.

\*

Pedi ao motorista que o deixasse na Madeleine. Estava menos calor do que nos outros dias e podia-se andar a pé desde que se escolhesse o passeio onde havia sombra. Seguiu pela Rua de l'Arcade, deserta e silenciosa ao sol.

Há uma eternidade que não ia até àquelas paragens. Lembrou-se que a sua mãe representava num teatro ali perto e que o seu pai ocupava um escritório ao fundo da rua, à esquerda, no número 73, da Avenida Haussmann. Espantou-se por ainda ter na memória o número 73. Mas todo esse passado tornara-se tão translúcido com o tempo... um vapor que se dissipava ao sol.

O café ficava na esquina da rua com a Avenida Haussmann. Uma sala vazia, um balcão comprido com prateleiras por cima, como num *self-service* ou num antigo Wimpy. Daragane sentou-se numa das mesas do fundo. O desconhecido compareceria ao encontro? Por causa do calor, as duas portas estavam abertas, uma dando para a rua e a outra para a avenida. Do outro lado da rua, o grande prédio do n.º 73... Interrogou-se se uma das janelas do escritório do seu pai não daria para esse lado. Em que andar? Mas essas recordações iam-se desvanecendo pouco a pouco, como bolas de sabão ou fragmentos

de um sonho que se dissipam ao despertar. A sua memória seria mais vivaz no café da Rua des Mathurins, diante do teatro, onde costumava esperar pela mãe, ou para as bandas da Gare Saint-Lazare, uma zona que antigamente frequentara bastante. Mas não. Decerto que não. Já não era a mesma cidade.

– Senhor Jean Daragane?

Reconheceu a voz. Um homem de uns quarenta anos estava à sua frente, acompanhado de uma rapariga mais nova do que ele.

– Gilles Ottolini.

Era a mesma voz, indolente e ameaçadora. Apontou para a rapariga:

– Uma amiga... Chantal Grippay.

Daragane continuava imóvel, no banco, sem sequer lhe estender a mão. Os dois sentaram-se diante dele.

– Queira desculpar-nos... Atrasámo-nos um pouco...

Adotara um tom irónico, sem dúvida para se sentir mais seguro. Sim, era a mesma voz, com um ligeiro, quase impercetível, sotaque do Midi que Daragane não notara na véspera ao telefone.

Uma pele cor de marfim, olhos pretos, nariz aquilino. O rosto era delgado, tão cortante de frente como de perfil.

– Aqui tem a sua agenda – disse ele a Daragane, no mesmo tom irónico que parecia esconder um certo embaraço.

Tirou a agenda do bolso do casaco. Colocou-a sobre a mesa, cobrindo-a com a palma da mão, com os dedos afastados. Dir-se-ia que queria impedir Daragane de pegar nela.

A rapariga ficara ligeiramente afastada, como se não quisesse chamar a atenção sobre si, uma morena de uns trinta anos, de cabelo não muito comprido. Vestia uma camisa e calças pretas. Lançou um olhar inquieto a Daragane. Devido às maçãs do rosto e aos olhos ligeiramente em bico, Daragane interrogou-se se não seria de origem vietnamita – ou chinesa.

– E onde encontrou esta agenda?

– No chão, debaixo de um banco do bar da Gare de Lyon.

Estendeu-lhe a agenda. Daragane enfiou-a no bolso. De facto, lembrou-se que no dia da partida para a Côte d'Azur chegara adiantado à Gare de Lyon e que se sentara no bar do primeiro andar.

– Quer beber qualquer coisa? – perguntou o denominado Gilles Ottolini.

Daragane desejou cavar dali para fora. Mas mudou de ideia.

– Uma *Schweppes*.

– Vê se descobres alguém para nos atender. Para mim é um café – disse Ottolini, voltando-se para a rapariga.

Esta levantou-se de imediato. Aparentemente, estava habituada a obedecer-lhe.

– Deve ter sido uma maçada para si ter perdido essa agenda...

Sorriu de uma forma estranha que pareceu a Daragane um sorriso insolente. Mas talvez fosse por uma questão de acanhamento ou de timidez.

– Sabe, eu praticamente já não telefono – respondeu Daragane.

O outro lançou-lhe um olhar de espanto. A rapariga estava de regresso e voltou a sentar-se.

– A esta hora já não servem. Vão fechar.

Era a primeira vez que Daragane ouvia a voz daquela rapariga, uma voz rouca e sem o leve sotaque do Midi do seu companheiro. Era mais o sotaque parisiense, se é que isso ainda significa alguma coisa.

– Trabalha nesta zona? – perguntou Daragane.

– Numa agência de publicidade, na Rua Pasquier. A agência Sweerts.

– Você também?

Dirigira-se à rapariga.

– Não – respondeu Ottolini, sem dar tempo a que ela respondesse. – Ela de momento não trabalha. – E de novo aquele sorriso crispado. A rapariga também esboçara um sorriso.

Daragane tinha pressa de se despedir. Se não o fizesse imediatamente, conseguiria ver-se livre deles?

– Vou ser franco consigo... – Inclina-se para Daragane e a sua voz tornava-se mais aguda.

Daragane teve a mesma sensação que tivera na véspera, ao telefone. Sim, aquele homem tinha uma insistência de inseto.

– Tomei a liberdade de folhear a sua agenda... mera curiosidade...

A rapariga virara a cabeça, como se fingisse não ouvir.

– Não me leva a mal?

Daragane olhou-o a direito nos olhos. O outro susteve o seu olhar.

– Porque haveria de levar a mal?

Um silêncio. O outro acabara por baixar os olhos. Em seguida, com a mesma voz metálica:

– Há uma pessoa cujo nome encontrei na sua agenda. Gostava que me desse umas informações sobre ela...

O tom tornara-se mais humilde.

– Perdoe a minha indiscrição...

– De quem se trata? – perguntou Daragane a contragosto.

Sentia bruscamente necessidade de se levantar e de caminhar a passos rápidos em direção à porta aberta sobre a Avenida Haussmann. E de respirar ao ar livre.

– De um certo Guy Torstel.

Pronunciara o nome e o apelido articulando bem as sílabas, como que para avivar a memória sonolenta do seu interlocutor.

– Como disse?

– Guy Torstel.

Daragane tirou a agenda do bolso e abriu-a na letra *T*. Leu o nome, no alto da página, mas esse Guy Torstel não lhe recordava nada.

– Não estou a ver quem possa ser.

– A sério?

O outro parecia desapontado.

– Há um número de telefone com sete algarismos – disse Daragane. – Deve ser de há pelo menos trinta anos...

Virou as páginas. Todos os outros números de telefone eram atuais. Tinham dez algarismos. E ele só se servia daquela agenda há cinco anos.

– Esse nome não lhe diz nada?

– Não.

Há uns anos atrás teria dado prova daquela amabilidade que todos lhe reconheciam. Teria dito: «Dê-me algum tempo para esclarecer este mistério...» Mas as palavras não lhe ocorriam.

– É por causa de um *fait divers* sobre o qual reuni bastante documentação – prosseguiu o outro. – É só isso...

Parecia bruscamente na defensiva.

– Que género de *fait divers*?

Daragane fizera a pergunta maquinalmente, como se reencontrasse os seus antigos reflexos de cortesia.

– Um *fait divers* muito antigo... Queria escrever um artigo sobre esse caso de polícia... Antigamente fui jornalista, sabe...

Mas a atenção de Daragane abrandava. Tinha mesmo que sair dali o mais depressa possível, senão aquele homem iria pôr-se a contar-lhe a vida.

– Tenho muita pena – disse ele. – Esqueci esse Torstel... Na minha idade, perde-se a memória... Lamento, mas agora tenho de vos deixar...

Levantou-se e apertou a mão a ambos. Ottolini lançou-lhe um olhar duro, como se Daragane o tivesse insultado e estivesse prestes a retorquir-lhe de forma violenta. Quanto à rapariga, baixara os olhos.

Avançou para a porta envidraçada, aberta de par em par, que dava para a Avenida Haussmann, esperando que o outro não lhe barrasse a passagem. Lá fora, respirou a plenos pulmões. Que raio de ideia, aquele encontro com um desconhecido, ele que há três meses não via ninguém e que não passava mal por isso... Pelo contrário. Nessa solidão, nunca se sentira tão descontraído, com curiosos momentos de exaltação de manhã ou à noite, como se tudo fosse ainda possível, e como se, como no título de um velho filme, a aventura estivesse ali, ao virar da esquina... Nunca, nem mesmo durante os verões da sua juventude, a vida lhe parecera tão desprovida de peso como desde o início desse verão. Mas no verão tudo está em suspenso – uma estação «metafísica», dizia-lhe outrora o seu professor de filosofia, Maurice Caveing. É estranho, lembrava-se desse nome «Caveing» e já não sabia quem era esse Torstel.

Ainda estava sol, e uma ligeira brisa atenuava o calor. Àquela hora, a Avenida Haussmann estava deserta.

Ao longo dos últimos cinquenta anos, passara muitas vezes por ali, e mesmo na juventude, quando a sua mãe o levava um pouco

mais acima na avenida, aos grandes armazéns Printemps. Mas nesse fim de tarde aquela cidade era-lhe estranha. Largara todas as amarras que podiam ainda ligá-lo a ela, ou então fora ela que o rejeitara.

Sentou-se num banco e tirou a agenda da algibeira. Preparava-se para a rasgar e deitar os bocados de papel no cesto de plástico verde ao lado do banco. Mas hesitou. Não, fá-lo-ia depois, em casa, tranquilamente. Folheou distraidamente a agenda. Entre aqueles números de telefone, não havia um único que lhe apetecesse marcar. E depois, os dois ou três números que lá não estavam, os que para ele tinham contado e que sabia de cor, já não atenderiam.